

O ELOGIO DA EDUCAÇÃO
uma etnopedagogia poética
acompanhada de um imaginário sobre a vocação de educar¹

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

¹ Este texto é uma reinvenção de um antigo escrito sob a forma de um longo poema de etnopedagogia sobre a vocação de educar e a trajetória da educação no curso do processo de nossa longa e sinuosa humanização. Foi escrito para ser lido na abertura do Simpósio de Educação de Jovens e Adultos, celebrado na UNICAMP, em Campinas, entre os dias 24 e 25 de novembro de 2017. de acordo com o momento e o cenário em que foi lido e dialogado. Acredito haver sido publicado como capítulo de algum livro meu. Nunca foi (por razões evidentes) publicado em qualquer revista indexada.

Quem sou eu que venho falar “isto” e porque vou falar assim?

Nada do que venho falar aqui contém novas e inovadoras palavras. Abro este encontro nessa manhã bem mais como a memória de quem coletivamente somos e de como sentimos, pensamos e agimos coletiva e historicamente, do que como quem se apresenta diante dos outros como se tivesse acabado de descobrir o que ninguém sabe.

Quando a UNICAMP me honrou com um título que me apressei em declarar que ele somente valia quando pensado, vivido e aceito no plural da coletividade com quem comparti e sigo compartilhando a minha vida, encerrei a minha fala de improvisado com a leitura de um poema longo. Como mais adiante estarei cometendo a travessia e a travessura de trazer a você um outro longo poema – quase uma cantata próxima a Augusto Boal – quero transcrever aqui uma passagem do que li então.

Veio no Vento

*Nada é apenas meu do que foi dito será dito aqui, agora.
As palavras que falamos e as que ouvimos
não são em seu mistério apenas nossas.
Vieram com o vento, de longe elas vieram.
Entre outros povos de outros tempos foram pensadas
e foram ditas um dia à sombra de outras árvores.*

*Um vento as colheu, como a mão recolhe um fruto.
Um vento como venta agora. Ouve. Escuta e vê o vento!
E em silêncio o vento de ninguém recolhe o que se fala
e as palavras que julgamos serem nossas viajam nele.
Algum mar terão cruzado, algum distante deserto
e foi como a areia o que parecia o verbo.*

*Terão conhecido algumas noites e alguns dias
e viajaram no vento como viaja agora a Terra
em direção a uma estrela... e não sentimos.
E chegam até aqui, agora, as palavras.
Vêm com o vento e agora chegam aqui e me povoam.*

*E por um instante, um breve momento do arfar de um vento
elas me habitam não como uma casa, ou como um barco
que por um momento para o seu viajar e ouve o ser do vento.
E então algo em mim me pensa e fala e ganha um alento,
que penso ser o meu, e é nosso.
E outra vez se ouve em mim a voz do vento.*

*O que pensamos ter não possuímos,
como nem é nossa a casa que nos acolhe
e em que por algum breve tempo habitamos.
O que eu penso, pensamos e toda a autoria é plural
Pois o saber do humano atravessa povos e eras
e apenas passa por nós por um instante
aquilo que chamamos: meu pensamento.
E tudo flui e viaja, e o que dizemos veio e vai com o vento.
E aqui ficamos, herdeiro do plural de quem somos
enquanto as palavras que ouvimos e dissemos
nos deixam e viajam em busca de outros seres
de outras falas, de outros lugares e outros tempos.
E então, o que chamamos de silêncio
é apenas o partir da palavra que foi também nossa
e se foi embora em busca de outros seres.
as palavras que pensamos que falamos
e os pensamentos que sonhamos que sabemos.*

Assim, ressalvados tempos e territórios, desejo que o meu depoimento nos seja tão comum, corriqueiro e partilhado quando possível.

Até ingressar na vida universitária imaginei para o futuro de um “menino do rio” os mais diversos futuros entre a vocação e a profissão. Foram muitos e entre o

engenheiro florestal e o piloto da força aérea brasileira, eles nunca incluíram o ser um dia um *professor*, um *educador*.

Em uma vida pautada pelo imprevisto esta escolha tardia terá sido provavelmente a mais feliz. Hoje, quando reduzo o meu currículo vitae a uma página, ele ainda contém alguns títulos a que a nobreza acadêmica nos obriga. Mas quando eu o penso com uma palavra só esta palavra é: “*professor*”.

Se eu a desdobrar no par *educador-professor*, deverei então lembrar que no ano de 2014 completei 50 anos como um *educador popular*. E em agosto deste ano de 2017 cheguei ao meu cinquentenário como um *professor*. E ainda no ano passado completei os meus 30 anos de professor nesta casa, a UNICAMP.

Acho que estou começando a ficar velho.

Como acredito que aconteça com boa parte de quem aqui se reúne e agora generosamente me escuta, ao longo dos anos foram muitas as horas de aulas. Muitas as orientações. Inúmeras as rodas de conversa. Incontáveis os círculos de diálogos. Muitos e diversos os momentos entre congressos, encontros e simpósios como este, que em uma manhã de novembro nos reúne nesta casa, que é minha também, desde um janeiro de 1976.

Antes de começar a ser um professor, quando era ainda um estudante de psicologia no Rio de Janeiro, comecei a minha vida e carreira como um *educador-alfabetizador de adultos*. Era um janeiro de 1964 e poucos meses mais tarde os militares iriam cobrir o País com mais um escuro “tempo de ditadura”. Como um educador popular e, depois, como um também professor universitário vivi 22 sombrios anos de liberdade vigiada e limitada. E precisaria de pelo menos três pares de mãos para contar entre os dez dedos de cada par as companheiras e os companheiros que par haverem tomado a trilha de uma educação insurgente e emancipadora, foram presos, torturados, exilados ou mesmo mortos. Nunca os esqueçamos.

Até hoje gosto de pensar que o Movimento de Educação de Base foi para mim uma outra universidade. Uma universidade de vida e de aprendizado junto ao povo do campo. E acredito que se as universidades por onde passei ao longo de minha vida me deram saberes e títulos, as universidades situadas entre povoados

camponeses, comunidades tradicionais, movimentos populares e pessoas como vocês, aqui reunidas, me deram uma sabedoria que se esconde dos títulos e que alimenta o que não cabendo no *currículo vitae*, cabe muito bem na fecunda trajetória do *correr da vida*.

Escrevi muito sobre boa parte do que nos reúne aqui. Escrevi demais, segundo as pessoas mais críticas e confidentes. Escrevi e sigo escrevendo, entre a pedagogia, a poesia e a antropologia. E muito embora seja no mundo universitário um antropólogo que leciona e pesquisa, foi sempre sobre a educação e as suas derivadas que dediquei ao longo de mais de 50 anos a maior parte de tudo o que escrevi.

Este seria o memento para lembrar que aqui nesta casa, entre estudantes, professoras e funcionários, cuja presença me acompanha até hoje, conheci e comparti longos momentos de minha vida acadêmica, e para além da academia, com dois amigos que quero rememorar agora: Rubem Alves, da educação como gesto poético; Paulo Freire, da pedagogia como ato político.

Vivemos tempos em que palavra mais falada e ouvida é “crise”. Em um cenário como este seria o caso de abirmos um Simpósio com uma severa crítica da “atual conjuntura”, com foco sobre a “presente crise da educação”.

Não procederei assim, até porque lendo o programa destes dois dias descubro que com mais fecundidade os dilemas atuais da educação e, de maneira especial, da educação de jovens e adultos, serão trabalhados desta manhã até a tarde deste sábado.

Em todas as minhas falas nos mais diversos recantos por onde andei nestes três últimos anos – e não apenas aqui no Brasil – tenho me dedicado a pensar o “outro lado” de tudo o que vivemos.

Daí o título de minha fala a vocês: “O Elogio da Educação”. Daí também o modo como falarei. Pois ao contrário de um apurado “texto científico-acadêmico” – pasmem! – estarei lendo de viva voz um poema. Sim! Tal como os primeiros gregos na aurora da filosofia; tal com Macarenko e o seu Poema Pedagógico”, tal como Holderlin, em seus “Cantos Tardios”, tal como nosso vizinho, Pablo Neruda em seu “Canto General”, eu trouxe a vocês nesta manhã de sol um pensar a

educação, o seu sentido, a sua trajetória, a sua vocação, sob a forma de um longo poema. Uma quase cantata cênica, mais ao estilo de Augusto Boal e Thiago de Mello, companheiros de exílio de Paulo Freire, do que ao estilo do próprio Paulo.

Mas, não se assustem. O que irei ler não nos tomará mais do que três quartos de hora.

O ELOGIO DA EDUCAÇÃO

1. Avós e netos no meio da noite

Como teria sido a noite talvez esquecida de todas as memórias?
 Uma noite primitiva e ancestral na aurora da história,
 Quando um pequeno ser vivo, um milhão de anos depois chamado: “homem”
 chamou para um lugar mais perto da fogueira acesa o seu neto.
 E então, apontando com dois dedos da mão direita uma estrela
 entre as muitas do céu de julho, pronunciou pela primeira vez o seu primeiro nome.
 Como terá sido aquela noite em que gestos de um afeto rude,
 no entanto cheios de uma estranha e luz inaugural
 mais clara do que a fogueira, mais ainda do que a das estrelas do céu
 teria acontecido aquilo um dia, no meio da noite dos primeiros tempos?

Como teria sido, anterior de mil milênios
 uma outra noite, mais esquecida ainda no silêncio dos tempos
 quando um ancestral mais antigo do que o avô e o neto ao redor da fogueira
 descansou sobre os ombros de um menino o peso do braço,
 e entre movimentos das mãos e do olhar apenas
 ensinou a ele pela primeira vez um pequeno segredo
 num tempo em que debaixo das árvores e das estrelas
 não existiam ainda nem mesmo as palavras,
 e nem os muitos nomes que depois povoaram o mundo?

Como teria sido o desenho daqueles gestos sem voz e tão humanamente simples que sob a proteção dos astros o homem e o menino adormeceram sem de longe imaginar que haviam inaugurado ali o milagre que nos tornou humanos a aventura de aprender-a-saber.

E a aventura de ensinar-o-saber.

Pois nos tornamos humanos porque somos *seres do aprender*.

E somos filhos do saber-ensinar e do aprender-a-saber.

Que pássaros acordados na noite e que outros seres dos céus terão assistido, uma vez e outra, separadas de um milhão de anos aqueles instantes fugazes de nossa história ancestral quando, primeiro o gesto e, depois, a palavra, terão criado a façanha de inventar trocas e reciprocidades e também de símbolos, de sentidos e de sentimentos, entre os primeiros saberes e os primeiros significados do mundo através de gestos pioneiros da vida que transformaram o conhecimento em consciência, e as palavras antes guturais, em mito, prece e poesia? Trocas entre rostos, corpos e espíritos, através daquilo a que milênios mais tarde outros homens e mulheres deram o nome de *educação*.

2. quando um gesto ensina, o que se faz

Entre gestos de poder e amor: movimentos com as mãos, balanços do olhar alguns murmúrios de palavras e as primeiras frases curtas do pensamento, viajando entre infinitas manhãs e noites nos primeiros círculos de cultura das antigas aldeias dos povos pioneiros e multiplicando muitas vezes por mil a variação dos inventários das maneiras de passar de uma geração à outra os segredos da tribo

entre avós e netas, de aldeia a aldeia, de uma casa à outra a *educação* surgiu entre nós e com múltiplas faces estabeleceu o primado do humano sobre o Planeta Terra. E, ao redor das fogueiras acesas, ela fez dos seres que nós fomos: mulheres e homens, os seres humanos. Seres do aprendizado.

Porque de então em diante, entre guerra e paz os seres que somos descobrimos que valem muito pouco o saber e a consciência se não existir entre as pessoas que à noite se reúnem à volta do fogo o sentimento coletivo de tornar tudo uma generosa partilha, Um compartilhar que, como o peixe e o pão, transita os gestos das mãos e da voz nos ensinamos-e-aprendemos umas com os outros, os nossos nomes, e os das estrelas. E também os segredos do amassar a farinha e assar a massa e criar o pão, cujos sagrados mistérios alguém realizou, quando com um outro alguém aprendeu os gestos e as palavras dos segredos de como se sabe, para se saber como fazer.

Ao longo do caminho sinuoso dos montes e vales da vida coletiva vivida e repartida como história, que outros tantos dias e outras noites primitivas terão sido testemunhas das infinitas tramas dos mistérios com que, aprendendo com a vida e a alma a experimentar o fio da natureza os homens do mundo aos poucos tudo transformaram tocando a água e a pedra com as ferramentas das mãos e do espírito? Eles ... nós, frágeis senhores de tudo, irmãos do universo, Seres por onde a vida alcançou a consciência: filhos do barro, da chama e da carne, ferreiros dos signos, escrivães dos símbolos criadores dos tempos e dos termos da cultura, através do que a tudo os seres humanos deram o rosto e o nome, e em todas as coisas assinaram o frágil sinal do seu poder.

E entre tudo: pessoas, palavras, signos, símbolos e sentimentos
à volta das fogueiras, dentro das chochas nas noites das grandes chuvas,
tocando uns com as mãos os corpos dos outros, entre todos
eles se aprendiam-e-ensinavam. Seres do saber.

E assim como fizeram as pessoas depois das primeiras
com os bens que o trabalho caçava, colhia, criava e fiava,
eis que entre todos alguns faziam circular os rituais do saber.

E revelavam segredos, e apalavravam o conhecimento,
e assim partilhavam , como a carne ou o pão, os saberes uns com os outros.

E entre eles se ensinavam-e-aprendiam
para que a morte não viesse tão logo,
e os filhos fossem sabedores como os pais, e os netos sábios como os avós.

Vivendo juntos sempre alguma forma de comunidade, experimentando o mundo
e tocando com os mesmos gestos o que antes tocaram com outras mãos
os homens do mundo antes de nós aprenderam ao longo das eras
bem mais do que as lições que o mundo dá
ao ser roçado com amor e fúria entre o corpo e o pensamento.

Aprenderam para além das lições que a vida abre aos olhos e oferece,
porque além da própria vida individual, mas através dela,
os nossos pais descobriram as lições vividas e aprendidas
entre uns e outros ao redor do calor dos corpos,
olhando com sede de saber os dedos do artesão e as mãos do sábio,
e murmurando baixinho, dentro do silêncio do espírito, as palavras que ouviam,
como quando a filha que aprendeu da mãe,
ensina algo à mãe de quem aprende.

Educação, aquilo que vivido incontáveis vezes
transita do gesto ao ensino, do ensino ao saber, e do saber à cultura.

3. *Tão grande como tudo o que é humano é a educação*

Como o chão de terra do clã tribal, no mapa vivo dos sinais da aldeia, dentro das canoas, no tabuleiro das primeiras roças de inhame ou de mandioca, seguindo os passos dos adultos em meio às trilhas dos matos, olhando em silêncio a mãe fazer uma esteira de palha, ou vendo, como um cúmplice de um instante feliz, o pai pescando o peixe, assim a primeira educação se insinuou entre os seres de quem somos.

E, adiante, como terá sido que as meninas das primeiras tribos das nações dos homens aprenderam a saber cantar as canções da aldeia e a dizer ao vento, ao sol ou a um deus as suas preces e poesias? Como aprendiam todos com o tempo a desfiar a tela infindável dos nomes de tudo e a decifrar a equação complicada das categorias sociais de pessoas com quem era dado a cada um conviver e partilhar os gestos da vida? Como aprendiam as crianças desde cedo quem era quem entre os outros: para conviver, para evitar, para brincar, para respeitar, para caçar, para casar, para temer, para parir, para esperar, para ajudar a morrer? E como é que os mistérios da tribo eram transmitidos e preservados antes da escrita, na efêmera flor da memória do grupo? Como se aprendia então a cantar com a mãe uma primeira canção de crianças e com os velhos a pronunciar entre balbucios da oração o nome amado e terrível dos seres sagrados? Raros nomes de amor e medo que os mitos imemoriais da aldeia inventaram entre verões e invernos e ritos dançados entre palmas à redor do fogo aceso faziam tudo ser tão cheio de vida e de realidade? Como será que do adulto ao menino transitou incontáveis vezes, em tantas eras e tantos lugares o poder de invocar o artifício da magia, mãe da ciência e sua irmã?

Como foi que alguém ensinou a um outro os outros nomes das coisas e os dos espíritos da vida, com que a imaginação de alunos e de mestres povoou por toda a parte um alfabeto sem fim de significados:

o fundo das águas e a escuridão das matas,
o espaço azul e sem formas, o sol e a lua, o mapa
interior das árvores, a alma dos bichos,
o caminho dos ventos errantes e a mensagem do deserto?

Como um dia alguém fez uma arapuca e ensinou a alguém o que havia nela
E pela primeira vez a maldade do homem prendeu ali uma ave amarela?
E, multiplicado entre o bem e o mal, o domínio do homem sobre o mundo transformou-se na sabedoria que cria e no poder que destrói?

Pois como quem de todas as coisas conhecidas sonha ser o senhor,
mas tal como a criança, precisa a cada dia aprender de novo cada passo
do caminho do conhecimento que habita ao mesmo tempo
a sua alma, o chão de terra, o pio do pássaro e o universo,
eis que o homem leu e releu pelo fio do tempo afora
as lições de conviver com o outro e com o mundo.

E para então transformar ao mesmo tempo o mundo e a si-mesmo
(pois já então Prometeu havia dado o fogo aos homens)
entre momentos irmãos e opostos de ódio e amor fraterno
as pessoas da cultura aprenderam a criar e construir,
a saber e repartir como o sábio-operário, os objetos de sue dia:
o arco e o cesto, a prece e a rede, o arado e o fio da sementeira,
os desenhos passados no rosto do morto, os colares
e os braceletes das festas dos corpos de seus filhos.
E, assim, de muitos modos, e entre diversos saberes
cada um de acordo com a sua gramática dos ofícios
entre todos, desiguais igualados,
a tribo aprendeu a fazer circularem de casa em casa

os bens do fruto do trabalho, as pessoas e os símbolos dos nomes.
E de uma porta à outra, entre todos os da pequena aldeia
deveriam passar os seres das trocas: entre peixes, pessoas e parábolas .

E assim, em cada cultura tudo o que havia ia até onde alcançava ir a *educação*
Pois houve um tempo em que, tal como uma brincadeira entre primos
ou como o trabalho rotineiro dos artesãos do oitavo dia,
que três meses depois multiplica por cem uma semente de arroz,
eis que a *educação* fluía de mão em mão no bailar dos muitos gestos.
E foi quando ela não tinha ainda sequer este nome e os seus donos,
porque então livre, solta da amarra de possuir senhores do saber e do sentido
como as flores que todos colhem e carregam para a casa
uma *educação solidária* amadurecia o fruto que o *saber* semeava.

4. Foi quando então ...

Aqui e ali, por toda a parte, quando cresceram os bens e os poderes
dos homens de antes de nós, e os frutos do trabalho de todos
multiplicou para alguns as cestas dos grãos de cereais
e gerou o poder de guardar para poucos o que não era mais o dom de todos,
transformando a dádiva da troca solidária no ganho e na posse,
então entre os homens das primeiras cidades surgiram
os cofres, os palácios, os muros e os soldados.
E surgiu a moeda que se acumula nos porões dos castelos
e não se come ao redor das mesas.

E foi quando as pessoas do mundo começaram a ensinar-e-aprender
outras e invertidas lições, em que a sabedoria se perverteu em retórica
E o saber da partilha entre todos tornou-se o segredo de alguns.
Foi quando alguns tornaram-se donos do gado e do celeiro
e coube a outros o dever de cuidar e vigiar.

E empilharam uns os montes do trigo que faltava na mesa de outros.
E as mulheres teciam em teares de lágrimas a roupa de poucos.
E sobre o chão dos primeiros mundos divididos entre os homens
tornaram-se uns os donos da terra, das beiras dos rios e dos lagos,
E foram donos das cidades e senhores das praças e do poder de dizer:
“isto é meu!” “Este é o meu domínio!”
E cada vez mais onde havia trilhas sem donos e portas sem trancas
construíram os senhores as cercas e as grandes portas trancadas.
E onde todos eram livres e diferentemente iguais
começou a reinar a desigualdade que transforma o diferente em inimigo,
e a maldição que torna uniforme a diferença, e tornar servo quem foi livre.

E então, o saber que dava nome às imagens e fazia mitos dos sonhos
e era o fruto do trabalho sobre a terra, e for o filho do espanto e da maravilha
dividiu-se também entre os filhos dos homens, como a terra e os seus frutos.
E o que fora repartido entre todos: nomes, saberes, segredos, lembranças,
aos poucos saiu da volta das fogueiras e do olhar dos primeiros magos
e foi escondido e cercado entre paredes protegidas por muros e guardas.

E foi quando, como o grão roubado da mesa de todos para o celeiro dos ricos,
que uma fração generosa do ofício da aventura de ensinar-e-aprender
foi dividida sob as mãos alvas de senhores de sedas e segredos.
E entre as crianças dos novos reinos, algumas foram destinadas ao trabalho
e elas aprendiam apenas os ofícios com as mãos junto a seus pais, servos,
enquanto a poucas eram destinadas as escolas e as roupas brancas,
os saberes dos mistérios e das ciências que nasciam em mundos desiguais.

De quem são as estrelas e as constelações com nomes de bichos e de heróis?
De quem são as figuras que a alma dos homens faz delas?
De quem são os seus nomes: “Antares”, “Capela”, “Riguel”, “Carina”?
De quem é o saber que das estrelas e seus nomes

fez deuses e lendas de heróis fundadores?

Quem detém a posse do destino de pessoas e de povos,
e os caminhos sobre os mares nas viagens a outras terras?

Em nome de quem e do quê os homens dividiram o saber em saberes,
e deram a cada qual um caminho e um destino.

E destinaram a alguns o segredo de um poder perverso,
diverso do que houve antes entre diferentes, tornados agora desiguais?

Como é que foram separados por muros os próprios nomes das coisas da vida
e foi dado a uns o poder de dizê-los, e aos outros o de ouvi-los e, em silêncio,
tornarem-se servos onde havia senhores, e colonizados onde há colonizadores?

E aqueles-que-não-sabem onde agora existem os senhores-do-saber

E os donos do trabalho e dos ofícios dos que conhecem e ensinam?

5. Acaso esquecemos?

Acaso esquecemos, professores, educadoras, essas lições da história?
Terão elas sido um mau momento de um passado perdido na nuvem dos tempos?
Ou elas estão à nossa volta e persistem entre nós, aqui, agora?
Buscamos olhar em nós, entre nós e ao redor de nós
e acaso vemos com consciência e clareza o que acontece?
Ou teremos feito dos males que ainda hoje pesam sobre a educação
alguns mitos e contos de fadas que os senhores do poder nos impõem?

Perguntas de um trabalhador que lê, poema de Bertold Brecht

*Quem construiu Tebas, a de sete portas?
Nos livros constam os nomes dos reis.
Foram eles que carregaram as rochas?
E a Babilônia destruída mais de uma vez?
Quem a construiu de novo?
Quais as casas de Lima dourada
que abrigavam os pedreiros?*

*Na noite em que se terminou a muralha da China
para onde foram os operários da construção?
A eterna Roma está cheia de arcos de triunfo.
Quem os construiu?
Sobre quem triunfaram os césaes?
Bizâncio, tão cantada, só consistia de palácios?
Mesmo na legendária Atlântida
Os moribundos chamavam pelos seus escravos
Na noite em que o mar os engolia?*

*O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Conquistou sozinho?
César bateu os gállos.
Não tinha ao menos um cozinheiro consigo?
Felipe de Espanha chorou a perda de sua Esquadra.
Só ele chorou?
Frederico II ganhou a Guerra dos Sete Anos.
Quem mais ganhou a guerra?*

*Cada página uma vitória.
Quem prepara os banquetes?
De dez em dez anos um grande homem.*

Quem paga as suas despesas?

*Tantas histórias.
Tantas perguntas².*

Assim também a educação.
Os senhores de Tebas – e quantas Tebas houve? E quantas há ainda agora? -
São os que separam os poucos de todos os outros
e para os eleitos fazem a feira e a festa,
depois de haverem separado o trigo da palha

² Está na página da *Antologia Poética*, publicada pela Elo Editora, do Rio de Janeiro, em 1983. Existem hoje em Português antologias mais atuais e mais completas da obra de Bertolt Brecht.

e o saber do poder do saber do trabalho.

Os que ensinam nas escolas dos ricos os hinos dos reis
e nas dos pobres o silêncio do servo e o canto dos sem-terra.

Em nome de que mundo e de que seres que o povoam de poderes
também a educação se dividiu entre os que trajam vestes brancas
e entre sedas e livros livram a mão do arado
e aqueles que rasgam nas ferragens do arado as roupas de trapos?

5. desigual, dividida, ela persiste e se reinventa

Tão grande quanto tudo o que é humano é a educação.

Tão frágil e poderosa, tão eloquente e tão silenciada.

Tão sagrada e tão corriqueira, a educação,
semeadora da partilha do saber e do sentido,
mas também da desigualdade, da desunião e da discórdia.

Depois de tantos anos ela está viva, como os homens, a história e as culturas

E se existe na escola, ela está também nos recatos vida de todos os dias.

E depois de todas as teorias sobre ela, e de tantos métodos e artifícios

Ela, grandiosa, não se muito diferentes de quando, múltipla, diversa,
ela era o círculo dos iguais ao redor da fogueira.

Nada existe nela de eterno ou de absoluto

e tudo o que ela é, ao mesmo tempo muda, se transforma e permanece

Nada nela foi a criação dos deuses que criaram flores e pintassilgos.

Nós, criaturas e criadores de Prometeu, acendemos um dia o seu fogo.

Pois como tudo o que o homem precisou aprender para ser e criar

a educação é filha da mente e do trabalho

e é, ela mesma, um trabalho dos homens.

Um trabalho com quem os humanos aprenderam a se construir.

Ela é feita entre sons e sentidos sobre a matéria do espírito

e nela a mulher lavra, semeia, cuida e colhe na terra de seu próprio corpo.
E, dividida, existe onde as mulheres e os homens se reúnem e compartilham:
livres e iguais, o saber da partilha à volta da fogueira,
ou o poder do saber quando separada e entre muros.
Por isso mesmo, quando por seu meio as pessoas transformam
as regras das trocas do trabalho e as leis da repartição de seus frutos,
do mesmo modo a educação muda os seus nomes, troca as suas vestes
e varia de um sistema a outro o próprio trabalho de que é feita.

Os que desejam que o ofício de quem ensina
não é mais do que o exercício instruir indivíduos competentes
para jogar nos mercados do mundo quem deveria ser educado
para transformar-se a cada dia e, ao lado dos outros,
as pessoas conscientes-cooperativas, transformar os seus destinos
e os mundos em que partilham vidas e destinos.
A mesma luz que clareia salas escurecidas nas escolas
é também um fogo vivo que incendeia no meio da noite o coração homem
e o mundo, sua casa, seu caminho.
Pois entre ensinar-e-aprender, as palavras livres,
quando dialogadas semeiam perguntas e geram idéias.
As idéias partilhadas não transformam o mundo.
As idéias compartilhadas transformam as pessoas
E as pessoas transformam o mundo.
As pessoas transformam o mundo!

Emissário da palavra, buscador do diálogo,
criador de mentes e de mundos novos,
o educador não pode esquecer todos os dias as tarefas de seu tempo
e nada do que é humano lhe é indiferente.
E tudo o que há de humano nele e naqueles com quem comparte a educação
devem lembrar a quem educa, a cada dia,

que sempre que aprisionam a educação entre o poder e o mercado,
por toda a parte ela ressurgente, insurgente.

Ela redescobre os nomes com que enfrenta quem pensa poder comprá-la
e fazer dela e da escola o gesto e o cenário da sujeição.

Educação Popular, Pedagogia do Oprimido,

Educação Libertadora, Educação Cidadã, Educação de Jovens e Adultos,

com quantos nomes ao longo dos tempos de antes e de agora

Uma educação a serviço do inédito viável e da utopia

sempre se reinventa e sempre emerge de suas próprias cinzas

e sempre reacende outra vez o fogo de sua ousadia.

Podemos parecer sermos hoje menos do que fomos ontem,

Mas eles sabem e nós que, educadoras, educadores,

somos hoje mais indispensáveis do que nunca.

Porque mais do nunca, trata-se agora de salvar o humano de si mesmo.

Por isso somos trilhas, somos caminho e caminantes, somos pontes.

mensageiros do que foi lembrado, os educadores.

Sabemos que é sempre possível recriar com o outro as palavras esquecidas

entre os que perderam a voz, mas não a memória da fala e o ardor da luta.

Entre todos e não apenas entre os escolhidos

o trabalho do educador serve ao reencontro de mulheres e de homens

com a sua origem e com o seu destino.

E não somente por dever de ofício é urgente não esquecermos

Que se não tomarmos com as pessoas do povo

entre as mãos o leme do navio da *educação*.

Outros o farão por nós e contra nós, e contra o horizonte

da aurora dos tempos que hão de vir, porque, juntos, nós a faremos chegar.

Pensar a rotina e o mistério de nosso trabalho
como um ofício de criação da liberdade.

Ousar recriá-lo sempre e transformar com outros todas as suas esferas:
a da sala de aulas, a da escola, a do sistema e do lugar do poder sobre o sistema.

Educadoras, educadores, devemos ser aquelas e aqueles
com o olhar dirigido ao mesmo tempo a uma criança e ao infinito,
a um jovem que depois do dia de trabalho busca uma sala de EJA
e ao mundo justo e fraterno que cabe a ele e a nós construir.

A uma mulher que esperou se avó para alfabetizar-se,
e à consciência que havê-la alfabetizado é um milagre mais e mais duradouro
do que os que apregoam os falsos profetas do alto de seus púlpitos e poderes.

*Insurgente, inédita, viável, emancipadora, humanizadora,
libertadora, popular, utópica, transgressiva, transformadora,*
a educação em que cremos e que ousamos praticas
sonha “um outro mundo possível”, a cada dia.

Um mundo humano e feliz, onde todos possam ser,
desarmados e irmanados,
ao mesmo tempo, quem ensina e quem aprende.

Assim:

A educação não é algo criado e consagrado para ser, depois, reproduzido, e
reiterado sem perguntas e desafios, ou algo canonicamente repetido como
uma forma de saber “verdadeiro”, definitivo, necessário e consagrado.

Ao contrário, o que caracteriza a educação mais do que tudo, é a
possibilidade e a necessidade de sua contínua renovação; da transformação
ininterrupta de seus processos, de seus conteúdos, de seus sentidos e de
seus significados.

Embora a experiência humana do ensinar-e-aprender esteja, em sua dimensão escolar estabelecida sobre polaridades como: saber-não-saber, ensinar-aprender, professor-aluno, lecionar-avaliar, na verdade o que importa em seu trabalho é uma geração constante de comunidades aprendentes; de círculos de pessoas diferentes, mas não desiguais no que toca o processo solidário de criação do saber, e no que toca a vocação pessoal do criar o seu próprio saber, isto é, de aprender algo.

Professoras e alunas são co-autoras e co-atores de seus saberes e de suas culturas, como pessoas envolvidas no trabalho comum de criação de saberes-entre-todas e de saberes-de-cada-um. Esta relação criadora e criativa pode estender-se a esferas mais amplas do que a sala de aula e, dentro e fora do âmbito delimitado da escola, pode envolver outros cenários, outras situações, outras comunidades e outras categorias de sujeitos aprendentes.

Se a educação é um bem; se ela é um fator determinante não somente da socialização oportuna de pessoas, da integração de atores culturais em seus mundos de vida social cotidiana, e de incorporação de sujeitos-produtores de bens, de serviços e de sentidos em suas sociedades; se a educação é um direito humano essencial como caminho sem fronteiras e sem termos dirigido à realização-de-si-mesmo e à própria felicidade, então ela precisa ser um bem-para-todos. Para todas as pessoas e para todos os tipos de pessoas de um mesmo mundo social.

Diferente em processos e em conteúdos, diferente em propósitos e em vocações especiais, a educação não pode ser um bem desigual, no que tenha a ver com os direitos de acesso e de participação nela e no mundo social. A educação é morada da prática cultural da diferença . Pois ela se faz diferenciada para criar saberes e pessoas integradas em culturas e em modos de ser, de pensar, de saber e de viver diversos. E este é o caminho da própria comunidade humana. Mas ela não pode ser o lugar da oferta de

desigualdades culturais em nome da reiteração da exclusão e da pretensa justificativa do inevitável das desigualdades sociais de oportunidades e de destinos humanos.

A missão da educação só é a de gerar sujeitos integrados em ou adaptados a, sob a condição de criar pessoas críticas e criticamente participantes. Pessoas autônomas e criativas, capazes de aprenderem a se transformar para transformarem os seus mundos de vida e de destino.

O destino de uma pessoa educada (prefiro dizer: uma *pessoa educanda*, isto é, um alguém em um momento de sua vida melhor educada do que antes, mas dentro de um processo sem fim de realização de si mesma através da educação) não é o mercado de trabalho cujos atores básicos são o produtor-e-o-consumidor. Ele é, e ele reside nos círculos de vida e de criação social da própria vida de pessoas que estão sendo educadas para serem e virem a ser cada vez mais conscientes de si mesmas, de seus direitos e de seus compromissos. Par vir a serem atores de seus próprios destinos. Sujeitos de teias e redes solidárias com os seus outros, e criadores de seus mundos de vida cotidiana e de fundação generosa e responsável de uma história humana coletiva.

Este chamado a si mesmo, ao outro e ao mundo, destinado a ser vivido e criado por pessoas livres, autônomas, criativas, críticas e solidárias, uma vez mais não deve ser regido por princípios de discriminação e de desigualdade de origens e de destinos.

Ele convoca pessoas diferentes quanto ao teor e à vocação de partilha e de participação na construção de seus mundos, mas pessoas iguais e igualadas quanto aos deveres de participação e, mais ainda, quanto aos direitos de estarem incluídas na experiência de mundos sociais sempre mais e mais justos e dialogicamente solidários.

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história do seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam.

Eu diria aos educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar.

Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelam a um passado, de exploração e de rotina³.

Rosa dos Ventos
Primavera de 2017

³ Devo também a Moacir Gadotti esta lembrança de Paulo Freire, ao final. Ela está em seu livro **Pedagogia da Terra**, publicado pela Editora Fundação Peirópolis, São Paulo, 2000.